

# CRÓNICA DE UM ENGATE ENCOMENDADO

## 1

Tudo começou quando decidi navegar por *sites* de encontros. Tinha-me divorciado e estava farto de solidão. Cumprira o meu quinquagésimo aniversário sem champanhe, sem velas para soprar, sem ninguém que me cantasse os parabéns. Pela primeira vez apercebi-me de que começava a encurtar o tempo que me restava.

E assustei-me.

Sou pouco sociável e a internet surgiu como a maneira mais fácil de arranjar companhia. Sim, era o que eu desejava, companhia, não apenas sexo. Por isso optei por *sites* respeitáveis, em particular o “Romances”.

E que encontro eu? De tudo! Perfis lacónicos e lençóis de prosa. Mulheres inseguras fazendo-se fortes. Mulheres que se dizem atraentes. Mulheres invariavelmente simpáticas, afetuosas, em busca de amizades sinceras que talvez conduzam a algo mais... E todas, acima de tudo, todas inimigas da falsidade.

Resolvi não mentir. Resolvi não parecer quem não era, não acrescentar um único centímetro aos meus cento e oitenta e cinco, não colocar mais de oito na minha atratividade, quando sei que sou um dez, não apresentar senão uma fotografia, nem sequer a melhor...

Descrevi-me como cozinheiro profissional e não adaptei os meus gostos ao gosto feminino. Disse que me interessava por gastronomia e futebol, que esporadicamente jogava ténis e que adorava procurar novos sabores, logo viajar...

Procurava mulheres entre os 40 e os 50 anos. Pareceu-me adequado. Se fosse rico, poderia talvez baixar a fasquia para os 30, mas que respeito teria uma jovem de 30 por um homem de 50?

Preferi jogar pelo seguro. Fui deixando corações e presentes virtuais em perfis que me agradaram, fosse pelas fotografias, fosse pelos interesses comuns, em particular, sabores, culinária, um bom vinho...

Em troca recebi muito mais do que enviei e percebi que era popular. O problema, com efeito, era a escolha!

Combinei um primeiro tête-à-tête com uma mulher de atratividade 9 e fotografia sofrível. Foi numa esplanada para um rápido café. Era bonitinha, mas deixara-se engordar demasiado. Deu-me o número de telefone, mas não a convidei para jantar. Só três mulheres mais tarde, avançaria para jantar, e foi um jantar oco, caro, muito caro para a qualidade da comida e, sobretudo, para a qualidade dos diálogos. Nada tínhamos em comum.

Percebi que tinha de ser paciente. A oferta e a sua variedade eram tais que, mais tarde ou mais cedo, os resultados haviam de aparecer, mas tinha noção de que a mulher certa pode não ser fácil de encontrar. Foi então que topei com aquele perfil extraordinário.

A fotografia era de uma mulher atraente, mesmo bastante bonita, mas eu já estava inteirado de que a foto nem sempre era de fiar. Comecei a ler. Aí estava Celina, de 41 anos, emprego indefinido, da Damaia. Se não fosse a foto, teria abandonado o perfil e procurado outro. Mas o sorriso da foto atraía e avancei para mais detalhes:

Divorciada. Um filho. Não quer ter mais filhos. Ensino universitário. Não fuma. Bebe socialmente. Não liguei à atratividade que se atribuía. Se as fotografias eram genuínas, merecia bem o nove em dez...

Só depois parti, por esta ordem, para a introdução e para os interesses. E muito espantado me deparei com o seguinte:

*O meu nome não é Celina.*

*Tudo o mais corresponde ao perfil da minha mulher (que podem facilmente encontrar neste “site”, a partir da idade, do signo, e etc., com o nome Vitória...).*

*E sim, as fotografias são verdadeiras, bem como tudo o resto. É de facto uma mulher atraente e estou disposto a pagar generosamente a quem a seduzir.*

*Detalhes a combinar.*

A primeira reação foi: isto é uma brincadeira, não me interessa. Abandonei o perfil e prossegui na esperança de encontrar algo mais interessante. Porém, ou porque não tivesse sorte, ou porque aquele perfil me regressava à mente e me desconcentrava, conferi três ou quatro perfis e voltei ao da Celina que afinal não seria Celina...

*O meu nome não é Celina.*

*Tudo o mais corresponde...*

O sorriso da foto sorria-me. O dinheiro da recompensa ainda não me sorria, porque não acreditava que aquele paleio fosse a sério... Porém, quanto mais não fosse por curiosidade, respondi, por mensagem no *site*:

*Poderei estar interessado. Tudo depende dos detalhes.*

A resposta não tardou.

*Será talvez preferível usarmos e-mail. É mais versátil.*

E foi assim que ele me enviou mais fotos de uma mulher sempre bonita, alta e elegante, olhos grandes e cabelo curto, e um sorriso natural e caloroso, o que numa fotografia não é costume. Dir-se-ia “uma boazona”. E o meu interlocutor prometia fornecer os gostos dela e outros detalhes que poderiam ajudar a engatá-la. Até as zonas erógenas ele me prometia.

Poderíamos ter trocado fotos para nos reconhecermos, mas ele preferiu dizer que estaria de fato completo numa mesa ao canto, e que seria imediatamente identificável, até porque colocaria no bolso do casaco um lenço, coisa que já não se usa.

E com efeito, uma vez habituado à relativa penumbra do interior do café, foi muito fácil identificá-lo, sozinho, sentado com um copo de chá a fumar à sua frente. Seguia-me com o olhar e nenhum de nós tinha já dúvidas a respeito da identidade do outro.

Eu ia de pé atrás, bastante desconfiado. — Onde é que me estou a meter? — pensava. Mas não recuei. Ele levantou-se e era quase tão alto como eu, bem-parecido, olhos azuis e frios. O fato era de tecido escuro com riscas, o mais clássico possível, e o lenço espreitava do bolso do casaco.

— Pedro Rocha? — perguntei superfluamente, estendendo a mão.

— Francisco Veríssimo? — respondeu ele, como se estivéssemos a trocar sante-senha.

E, caramba, para o que eu não estava preparado era para aquele aperto de mão que quase me esmigalhou os ossos. Ele sorria um sorriso de granito.

— Vou pedir qualquer coisa para lhe fazer companhia... — disse eu, virando costas, mexendo os dedos da mão, para me certificar de que não estavam partidos.

Quando voltei, ele bebericava o seu chá, ao mesmo tempo que dirigia um ar de censura à imperial que eu trazia na mão. Sentei-me. Ficámos um instante a avaliarmos mutuamente.

— OK. — Disse eu, por fim. — Antes de prosseguirmos para acertar seja o que for, tenho uma pergunta a fazer-lhe.

— Faça o favor...

— Qual é o seu objetivo nisto tudo?

Ele dissecava-me com o gume daqueles olhos. Mas a voz dele, que eu teria adivinhado grossa e profunda, chegou surpreendentemente esticada, mesmo um tanto aflautada, destoante:

— Não é da sua conta. Será pegar ou largar. Mas antes, fale-me de si. Disse-me que é divorciado...

E começou a interrogar-me. Obviamente, não me ia dar dinheiro e informações delicadas, sem primeiro saber quem eu era, e se estaria à altura do desafio. Inteirou-se da minha idade, de que eu era responsável pela cozinha de um bom restaurante, e que aspirava a ter o meu próprio estaminé, motivo para o meu interesse no prémio... Descobriu que eu estava já divorciado há três anos e que o divórcio fora devido a infidelidade da minha parte. Soube que o divórcio fora tecnicamente amigável e que não havia prole.

— E nos três anos desde então?

Queria saber da minha vida sexual desde o divórcio. Que não foi nada famosa, para falar verdade...

— E porque não?

— Não sou muito sociável, acho eu. Só há pouco tempo descobri estes *sites* de encontros, mas, sabe, a maioria das mulheres não está para brincadeiras e eu não sei se me disponho a fazer o investimento necessário a uma relação duradoura. A verdade é que não gosto de enganar ninguém!

Vi afiar-se o gume dos seus olhos de aço:

— Mas é precisamente o que eu estou a propor-lhe... Começo a duvidar que esteja a falar com a pessoa certa.

Corrigi:

— Este é um caso diferente. Não estarei a enganar senão uma pessoa casada que, segundo me diz, anda à caça.

— Sim, é mais ou menos isso.

— Pode contar com todo o meu charme. Estou curioso. Diria mesmo: o desafio excita-me! O que é que me paga?

— Então é assim: são 500 € à cabeça. Se tiver despesas que excedam esse montante, deverá apresentar recibos e eu pago. Por fim receberá 10000 € em função de resultados verificáveis.

— Que são...

— Provas de que ela me é infiel.

— Vai pôr um detetive atrás de nós?

— Espero não precisar. Usará você mesmo câmaras escondidas, gravadores escondidos, mesmo alguma fotografia que ela não se importe de tirar... Ela é meio exibicionista. Você pode ser muito mais eficaz do que qualquer detetive.

— Quer dizer, eu tenho de ser, ao mesmo tempo, o galã e o detetive. Começo a perguntar-me se não estou a ficar barato...

— É pegar ou largar!

Levei pela primeira vez a cerveja aos lábios. Aquilo era uma aventura e peras! Nunca me tinha metido em nada parecido, mas para tudo haverá uma primeira vez na vida...

— OK. Aceito.

— Muito bem. — Estendeu a mão e eu aceitei, desta vez preparado para aquele aperto vigoroso. Acho que ele sentiu a diferença e deve ter gostado.

— Agora os pormenores... — sugeri.

Adiantou-me um envelope, formato A5, que eu não abri:

— Está aí tudo o que é necessário para começar, os 500 € e as indicações de que precisa: a boutique de roupa de criança de que ela é sócia e onde vai quase todos os dias dar à língua, o café onde passa o tempo a ler, a piscina, o ginásio que ela frequenta, e a que horas. — Pausou, pensativo, para indagar: — você é cozinheiro num restaurante, qual a sua flexibilidade de tempo?

Era uma vantagem minha, e aproveitei:

— Cozinheiro não, sou chefe de cozinha. O que me traz vantagens e desvantagens. Tenho de me levantar muito cedo para ir às compras, à praça, procurar o melhor peixe, a melhor carne, está a ver... Mas tenho um adjunto para algum dia que não possa. Ele é competente. E deito-me tarde, porque quero assegurar-me de que fica tudo em ordem na cozinha. Compenso o sono a meio da manhã, antes da onze, e a meio da tarde. Parece-me que posso arranjar maneira de estar na piscina, no ginásio às horas que for preciso. Até na boutique, a encomendar roupas de criança, eh eh...

Não era homem de humor nem de sorrisos, tinha os lábios cristalizados na horizontal, finos e firmes, guardando os dentes. Nos olhos de safira, rijos como diamante, pareceu-me detetar um brilho de aprovação. Adiantou mais informações:

— Vitória é maníaca da vida natural, do exercício físico e da alimentação saudável. Apresente-se como vegetariano, de preferência vegan. Diga que vomita carne de vaca e que o glúten lhe dá voltas ao intestino.

— Ui! — exclamei. — Isso já não vai ser fácil! Sobretudo se tiver de lhe dizer onde sou cozinheiro e ela cuscar a ementa!

— Tem pratos vegetarianos no seu menu?

— Minoritariamente, sim. Hoje em dia, acho que não há restaurante que não tenha.

— Já é qualquer coisa... — resignou-se ele, mas depois ponderou: — Até pode ser que a sua profissão lhe interesse. Culinária é um dos hobbies dela. E tenho que reconhecer que cozinha bem, lá as suas vegetarianices.

Aquilo deu-me uma ideia:

— Escute, eu tenho maneira de dar a volta à situação. Afinal no restaurante sou apenas empregado. Direi que os pratos vegetarianos até foram ideia minha. Por outro lado, não guardarei segredo: a minha ambição é conseguir um restaurante meu. Direi que será vegetariano!

— Você terá que ser convincente. Ela é esperta e desconfiada! — Não havia nele piscar de olhos, nada que se parecesse com cumplicidade. Disse: — Não vai ser fácil, mas na vida, 10000 € não costumam ser fáceis.

— É verdade — concordei. E brinquei: — E para mais, ela é uma brasa! Chamemos-lhes 10000 € na brasa!

— Muito engraçado... — reconheceu, sem contudo dar mostras de ter usufruído da piada. — Mas têm de ser merecidos!

### 3

Antes de me embrenhar mais na aventura...